

Perspectiva dramaturgica, gerenciamento de impressões e categorização de pertencimento: uma interseção entre Goffman e Sacks

Dramatic perspective, impression management and membership categorization: an intersection between Goffman and Sacks

Roberto Perobelli¹, Mayara de Oliveira Nogueira², Carina Santos Lamas Couto³

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

RESUMO

Este trabalho visa analisar como se desenvolve a categoria “especialista” na interação por meio da apresentação do *self* de uma pesquisadora da iniciação científica júnior ao mostrar os resultados de sua pesquisa. Para tanto, recorreremos a uma interseção entre os estudos de Goffman, em especial sobre as perspectivas dramaturgicas e o gerenciamento das impressões, e o aparato teórico da Análise da Conversa de base Etnometodológica, concentrando-nos nos conceitos de Sacks sobre a categorização de pertencimento. Concluiu-se que, nessa interação, a categorização de “especialista” é resultado de uma construção conjunta entre os participantes, reforçada, pelos procedimentos adotados, tanto pela pesquisadora quanto por sua audiência.

PALAVRAS-CHAVE:

Apresentação de *Self*. Categorização de Pertencimento. Especialista.

ABSTRACT

This paper aims to analyze how the "specialist" category develops in the interaction through the presentation of the self of a researcher of the junior scientific initiation program by showing the results of her research. To this end, we resorted to an intersection between Goffman's studies, especially on the dramaturgical perspectives and impression management, and the theoretical device of Ethnomethodological Conversation Analysis, focusing on Sacks' concepts on membership categorization. It was concluded that, in this interaction, the categorization of "specialist" is the result of a joint construction between the participants, reinforced by the procedures adopted by both the researcher and her audience.

KEYWORDS:

The presentation of self. Membership categorization. Specialist.

Recebido em: 29.04.2021

Aceito em: 22.05.2021

¹ E-mail: robertoperobelli@gmail.com |ORCID: 0000-0002-8130-1061

² E-mail: nogueiradv@hotmail.com |ORCID: 0000-0003-2048-9088

³ E-mail: carina.couto2@gmail.com |ORCID: 0000-0003-0799-1145

1. Introdução

Basta uma rápida busca nos mais diversos portais de notícia do país para nos darmos conta de que a expressão “especialistas afirmam” pode englobar uma série de situações distintas sobre as mais variadas dimensões de uso, que vão desde a editoria de economia (“Especialistas afirmam que é uma boa hora para comprar a casa própria”⁴), educação (“Especialistas afirmam que crianças podem frequentar a escola durante a pandemia”⁵), saúde e ciência (“Especialistas afirmam que, sem vacina para todos, máscaras vão continuar fazendo parte da rotina”⁶) e também de políticas públicas (“Especialistas afirmam que Brasil caminha devagar para tornar cidades inteligentes”⁷), entre outras. O mais interessante é que, para cada uma dessas notícias, a noção de especialista varia, compreendendo o amplo espectro que vai desde o pesquisador que dedica anos de sua vida acadêmica debruçado sobre um mesmo assunto até o deputado federal que viu uma oportunidade de angariar mais votos nas próximas eleições se aderir a uma certa pauta. Isso se não considerarmos também os que “se dizem” especialistas em um determinado tema, mas que, quando instados a expor as razões de sua especialidade, se manifestam de maneira muito pouco aprofundada.

Essa variedade na forma como a condição de especialista se apresenta na vida cotidiana talvez possa ser explicada em função dos diferentes papéis que cada um desses atores representa na sociedade. A forma como um “especialista” vai se apresentar perante os membros da sociedade precisará, então, levar em consideração um rol de palavras, gestos, atos e eventos menores, os quais, para Goffman ([1967] 2012), poderão gerar maior ou menor engajamento dos participantes em uma interação.

Gilberto Velho (2004), em análise sobre o legado e o impacto de Erving Goffman e Howard Becker na Antropologia no Brasil, é cirúrgico ao afirmar que ambos os antropólogos são fundamentais para o que hoje se tem feito dentro da pesquisa social no país, em especial no que

⁴ ESPECIALISTAS afirmam que é uma boa hora para comprar a casa própria. **Bom Dia Brasil**. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão. 13 jul. 2012. 1 vídeo [3 min]. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2038983/>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

⁵ ESPECIALISTAS afirmam que crianças podem frequentar a escola durante a pandemia. **Balanço Geral Florianópolis**. Florianópolis: [s.n.] 24 mar. 2021. 1 vídeo [4 min]. Disponível em: <<https://youtu.be/YVpgTb0wPZU>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

⁶ ESPECIALISTAS afirmam que, sem vacina para todos, máscaras vão continuar fazendo parte da rotina. **RJ1**. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão. 20 jan. 2021. 1 vídeo [4 min]. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9194243/>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

⁷ ESPECIALISTAS afirmam que Brasil caminha devagar para tornar cidades inteligentes. **Câmara dos Deputados**. Brasília: TV Câmara. 08 out. 2019. 1 vídeo [3 min]. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/596277-especialistas-afirmam-que-brasil-caminha-devagar-para-tornar-cidades-inteligentes/>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

diz respeito aos trabalhos em que ambos se voltam para os estudos urbanos e para a vasta temática *Indivíduo e Sociedade*. Em uma perspectiva que confere protagonismo à interação, Goffman e Becker desenvolvem reflexões sobre ação coletiva (*doing things together*) e sobre a definição de situação, noção que ancora todo o pensamento goffmaniano e cujas raízes remontam Wiliam Thomas (1923).

Em Goffman o “próprio processo de definição de situação e construção da própria interação” (Velho, 2004, p. 43) são centrais e dimensionam sua *microsociologia* e seu olhar sobre o infinitamente pequeno nas relações entre sujeitos, relações essas em que a apresentação do eu (Goffman, 2009) ocupa um lugar singularizado.

Na medida em que os estudos goffmanianos nos ajudam a pensar em diferentes perspectivas de análise, somos levados a perceber que a base teórica de que dispomos para propor este trabalho é muito ampla, mas muito consistente. Assim, ao considerarmos que “o estudo apropriado da interação não é o indivíduo e sua psicologia, e sim as relações sintáticas entre os atos de pessoas diferentes mutuamente presentes” (Goffman, [1967] 2012, p. 10), vemos apontados alguns caminhos cujas possibilidades de diálogo com outras disciplinas se tornam possíveis. Com isso, *o legado de Goffman aos estudos da interação social*, tema desta edição especial da Revista Veredas, nos ajudará a compor a análise da categoria de “especialista” à luz da Análise da Conversa, que tem sua base forte na Etnometodologia e, no Brasil, junto com a Sociolinguística Interacional, goza de um destaque importante também nos estudos em Linguística Aplicada.

Em razão dessa indisciplinaridade (Moita Lopes, 2006), este artigo tem o condão de oferecer uma discussão sobre o gerenciamento de impressões e o sistema local de envolvimento que operam em uma interação integrante do *corpus* de pesquisa do Grupo Linguagem, Interação e Etnometodologia (Glie). Ao contrário de estudos que porventura venham tratar a situação social apenas como borda para a realização de análises sociais e/ou linguísticas dos mais variados espectros, o presente estudo segue o legado de Goffman ao tratar a situação social como um conceito emergente que possui características analisáveis próprias à proporção que dois ou mais atores sociais se colocam em presença⁸ e se engajam conjuntamente em pelo menos um único foco de atenção. Com essa análise, será possível discutir o modo como as pessoas se “apresentam”

⁸ Salientamos que o termo “presença” aqui está empregado em uma perspectiva mais ampliada do que se pode entender como “presença física”. Especialmente depois da pandemia de Covid-19, decretada pela OMS em março de 2020, as possibilidades de interação, impactadas pelas recomendações de distanciamento social, foram fortemente adaptadas para inúmeras alternativas de interação via plataformas digitais. Assim, de várias formas, tentou-se manter a sensação de presença entre as pessoas, ainda que com alterações significativas, quando comparadas à conversa face a face.

(ou, melhor, como as pessoas dramatizam/executam a performance de seus papéis sociais) em determinadas situações. Desse modo, este artigo ratifica também a ótica de “situação negligenciada” para a qual estudiosos devem olhar com um cuidado que vai além de um “tratamento oportunista” (Goffman, [1964] 2002, p. 16).

Procurando, assim, respeitar todos esses fatores elencados anteriormente, este artigo parte da seguinte pergunta: como estudantes de uma escola que participam de um projeto de iniciação científica júnior assumem, perante outros estudantes, colegas da mesma escola, a categoria de “especialistas” em um evento de exposição oral? Nosso objetivo se desenha, portanto, no sentido de analisar, em um contexto sequencial específico, como se dá a apresentação do *self* de uma estudante de 8º ano do ensino fundamental que participa de um projeto de iniciação científica júnior, quando elevada interacionalmente à condição de especialista por parte de uma audiência composta por estudantes do 4º ano do ensino fundamental da mesma escola. Desse modo, será possível considerar como a teoria da apresentação do self faz sentido em situações reais da vida cotidiana, assim como será também possível observar de que maneira a categorização de pertencimento se presentifica no aqui e agora de interações específicas.

Para tanto, o percurso de leitura deste texto propõe, além desta introdução, uma atenção maior à teoria da análise do enquadre (*frame analysis*), na medida em que esta converge, em alguma medida, com a proposta da análise de categorização de pertencimento de Sacks (1992). Após essas subseções, é destacada a trajetória metodológica da geração de dados e sua respectiva análise, e uma discussão que revisita a perspectiva dramaturgica e o gerenciamento de impressões, tal como Goffman perscrutou. Por fim, a conclusão ressalta o cumprimento dos objetivos deste artigo.

2. Enquadrando a vida social

Em diálogo com o pragmatismo de William James, a fenomenologia de Schütz, e a etnometodologia de Garfinkel, Goffman (1974) desenvolve a ideia introduzida por Gregory Bateson de enquadre a partir de uma perspectiva situacional, isto é, a partir de uma preocupação pautada no que está acontecendo no aqui e no agora da interação. Falar do “aqui” ou da situação atual “significa permitir que o leitor e o autor mantenham tranquilamente a sua impressão de que sabem claramente o que estão pensando e concordam sobre isso”; falar do “agora” envolve tanto uma ideia de quantidade variável de tempo e participantes quanto a não dificuldade em se chegar com rapidez à mesma compreensão aparentemente consensual do que está estabelecido na

interação no fluxo da atividade em curso (Goffman, [1974], 2012, p. 32).

A categoria *enquadre* se refere à atividade encenada, ao sentido que os próprios participantes conferem ao que dizem e ao modo como os papéis são exercidos na conversa. Expresso de outro modo, enquadre é o conjunto de princípios de organização que governam os acontecimentos sociais e o envolvimento dos falantes nesses acontecimentos. Para Goffman ([1974] 2012), o enquadre representa o princípio básico para a interação social na medida em que situa a metamsagem contida no enunciado e indica como sinalizamos o que dizemos ou fazemos ou sobre como interpretamos o que é dito e feito (Ribeiro; Garcez, 2002). São “esses princípios conformadores dos quadros que permitem a definição da situação pelos sujeitos” (Mendonça; Simões, p. 2012, p. 189).

O dado que compõe o presente trabalho põe em destaque a gestão da interação, dos papéis e a percepção desses papéis em uma situação de pesquisa, onde uma das participantes prepara o cenário para “dramatizar o trabalho” (Goffman [1959] 2009) a partir de uma performance que se vale de elementos físico-visuais (gestos, objetos e movimentos) que são fontes de informação contextual (câmera para execução de pesquisa) e que indicializam a compreensão do que está acontecendo. Aqui esses movimentos interacionais se dão entre pessoas que não se conhecem.

Segundo Goffman ([1963] 2010), a regra geral de engajamento numa situação social face a face é a de que pessoas que se conhecem precisam de uma razão para não entrarem em um engajamento enquanto pessoas que não se conhecem precisam de uma razão para se engajarem. Nesta última hipótese (engajamento entre pessoas que não se conhecem), uma das circunstâncias que dão o direito de abertura da troca conversacional é quando o outro está numa situação exposta, exposição essa que pode ser observada em razão de papéis e posições sociais (o comum levantar a mão para sanar uma dúvida, por exemplo) ou em razão dos estatutos amplos da sociedade, como é o caso do exemplo goffmaniano de que pessoas muito velhas ou muito jovens são socialmente compreendidas como “pessoas abertas” para se iniciar uma conversa.

A ordem local de uma situação social, então, apontará para níveis distintos de envolvimento entre as pessoas na interação, na medida em que as ações iniciais e responsivas dos participantes podem gerar, de um lado, um efeito hipnótico de atenção exclusiva, sem nenhuma outra ação distratora, mas podem, por outro lado levar a um desencantamento total, a partir do que Goffman chamou de “ofensas de envolvimento” (Goffman, [1967] 2012, p. 121), isto é, a interação pode ser alienada de diversas formas, tais como: *preocupação externa*, no caso de um/a

participante “negligenciar o foco de atenção prescrito e focar sua preocupação principal em algo que não está ligado àquilo que está sendo discutido no momento” (idem, p. 114); *consciência de si mesmo*, nos casos em que “o indivíduo pode focar sua atenção mais do que deveria sobre si mesmo” (idem, p. 115); *consciência da interação*, em casos cujo estado de fala é tornado mais importante do que o próprio tópico da conversa - o chamado “papo furado” (idem, p. 117); e *a consciência dos outros*, a partir da qual o autor distingue a insinceridade, a afetação e a imodéstia para explicar os modos com os quais uma interação pode ser alienada em casos nos quais os outros passam a ter o controle da interação, seja, como no caso da afetação, tentando influenciar o foco de atenção para “desestabilizar o caráter estabelecido e dar a ele uma pose ou peculiaridade óbvia” (idem, p. 118), seja, no caso da insinceridade, tentando “controlar a impressão que o observador formará de sua atitude em relação a certas coisas ou pessoas” (idem, p. 118), ou ainda, no caso da imodéstia, quando “a animação exagerada de uma pessoa é a alienação da outra” (idem, p. 119).

A aproximação entre as perspectivas de Goffman e do proponente da Etnometodologia, Harold Garfinkel ([2018] 1967) se dá justamente na percepção de que a quebra de expectativas em situações cotidianas poderia atordoar as pessoas a ponto de provocar rupturas incontornáveis na relação social em curso nas mais diversas situações. Os experimentos de ruptura de Garfinkel, a partir dos quais os experimentadores se comportavam exageradamente polidos em encontros com pessoas íntimas ou pediam para não pagar suas compras ao caixa do supermercado (cf. Watson; Gastaldo, 2015) muito se assemelham, em termos analíticos, dos relatos apresentados por Goffman ([1963] 2010). Além disso, foi através de Goffman que a etnometodologia se tornou conhecida na Europa, porque a citou no livro *Frame Analysis*, o que possibilitou que John Lee e Wes Sharrock, da Universidade de Manchester, se interessassem pela proposta garfinkeliana (cf. Watson; Gastaldo, 2015).

Para além da interseção entre Goffman e a Etnometodologia, há que se considerar também a aproximação entre o proponente dos estudos sobre os trabalhos de face e o proponente da Análise da Conversa, Harvey Sacks, que teve, segundo Watson e Gastaldo (2015), sua mentalidade analítica influenciada tanto por Garfinkel, quanto por Goffman: “afinal, Goffman foi o único a chegar perto (embora para Sacks e Schegloff, nunca perto o bastante) de uma análise da ordem da interação, mesmo que a interação conversacional em si mesma tenha permanecido relativamente à margem de suas preocupações” (Watson; Gastaldo, 2015, pp. 95-96).

Essa interferência no fluxo da interação entre pessoas que não se conhecem e que estão

em uma situação de pesquisa (mas também de exposição oral a um público desconhecido, não podemos nos esquecer) pode se dar, dentre outros aspectos, em razão tanto da exibição do papel desempenhado pelos participantes quanto pelos estatutos sociais. Além disso, para os fins dos enquadramentos da vida social, é fundamental observarmos também como a situação de pesquisa é enquadrada pelos participantes e como as categorizações de pertencimento são construídas a partir da apresentação do *self*.

Nesse sentido, a AC possibilita uma melhor compreensão dos dispositivos empenhados por quem conversa para elaborar seu próprio comportamento e para lidar com as atitudes alheias. Consoante ao que já foi expresso, Ostermann (2012) afirma que é possível verificar como os participantes se compreendem uns aos outros, como respondem aos turnos de fala, como interpretam o que o outro diz e como se orientam para o que está acontecendo.

Conforme Sell e Ostermann (2009), a abordagem da Análise da Categorização de Pertencimento⁹ (ACP), assim como a da AC, busca olhar a fala-em-interação em seu contexto sequencial e mutuamente negociável. Dessa forma, segundo as autoras, a ação de categorizar é também volátil, pois as pessoas se orientam para os diferentes contextos e para os momentos interacionais atentas àquilo que julgam que é esperado delas ao produzirem suas falas. Desta maneira, analisando a sequência interacional, observando as indicações fornecidas pelos interagentes quanto ao contexto no sistema de tomada de turnos, poderemos tornar mais compreensível o trabalho operado pelos indivíduos para exercitarem suas práticas sociais.

No caso específico da análise que pretendemos fazer neste artigo, é preciso ressaltar que o ator social, ao assumir o papel de especialista, torna relevante uma série de outras ações que pertencem ao conjunto de dispositivos de categorização de pertencimento, através dos quais pode ser feita a inclusão (ou não) desse membro da sociedade em uma dada *coleção*, como é o caso do especialista, por exemplo. Se nos ancorarmos na definição de Dolz e Schneuwly (2004, p. 218), que classificam a exposição oral como um evento no qual um expositor dirige-se a um auditório, para, de maneira estruturada, descrever-lhe ou lhe explicar alguma coisa, é necessário considerar que, na esteira dessa autorreivindicação como especialista, há também a necessidade de se organizar previamente toda a exposição de maneira que seja compreensível ao ouvinte. Com isso, a exposição oral exige uma infinidade de ações que sustentem a configuração da apresentação dos

⁹ Em algumas referências à expressão inglesa *Membership Categorization Analysis*, alguns autores e algumas autoras, com base em uma tradição luso-brasileira, optaram por traduzi-la como “Análise das Categorias de Pertença”. Acreditamos que essa diferença não gere maiores problemas de compreensão do termo original, tal como expresso pela proposta de Sacks. A escolha por uma ou outra tradução, no caso deste artigo, é apenas uma questão de estilo.

atores sociais como especialistas, para além de “se dizerem” como especialistas ou meramente “se posicionarem à frente de outras pessoas” nessa condição.

No entanto, muito além de simplesmente se autotranscreverem como pertencentes a uma determinada coleção, é importante ter em perspectiva que as categorias de pertencimento “não são estanques, razão pela qual se torna impossível, porque improdutivo, elaborar uma lista de categorias. Como são situadas e revistas a cada interação, as formas de se categorizar são reassumidas a cada vez que são inseridas em uma troca conversacional” (Perobelli, 2015, p. 240). Com efeito, é dentro dessa ótica que nossa análise será feita. A seguir, apresentamos o contexto em que o dado foi gerado.

3. O percurso metodológico para a geração do dado

O segmento interacional que aqui será analisado integra o *corpus* do Grupo Linguagem, Interação e Etnometodologia (Glíe) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), gerado em pesquisa de campo em uma escola pública de ensino fundamental. Esse dado foi gerado, segmentado, transcrito e analisado seguindo a política de investigação proposta pela Análise da Conversa (AC), para a qual é muito importante que seja feita uma interpretação em que se verifique de que forma os interagentes gerenciam suas relações. Silva, Andrade e Ostermann (2009) defendem que, com vistas para o que está acontecendo no aqui e agora da interação, o processo analítico se volte mais para as minúcias sequenciais promovidas pelos participantes. Sendo assim, a análise que empreendemos neste artigo¹⁰ evidencia como cada um dos atores sociais expressa ter entendido o que foi feito pelo outro através da fala-em-interação.

Ao longo de três anos (2015 a 2018), realizamos, em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), um projeto junto ao Programa de Iniciação Científica Júnior (PICJr) em que fazíamos, na companhia de dez estudantes previamente selecionados de uma escola pública da Grande Vitória, visitas a patrimônios culturais do município da Serra (ES). Durante esse período, foi possível praticar um exercício de etnografia com idas a campo, geração de dados audiovisuais, entrevistas e anotações em diários de pesquisa. No último ano de projeto, entre outras propostas, os pesquisadores juniores foram preparados para expor oralmente um dos resultados obtidos no decorrer de suas pesquisas. Assim, em 9 de julho de 2018, eles realizaram, para alunos do 4º ano do Ensino Fundamental da mesma escola pública da

¹⁰ Além de todas as pessoas que integram o Glíe, um agradecimento especial precisa ser feito à Lorena Silva Mariano, que participou da fase inicial da pesquisa cujos resultados ora apresentamos.

qual fazem parte, uma apresentação sobre a Lagoa Juara, um dos locais visitados por eles.

Sobre o cenário da pesquisa aqui proposta, o evento de exposição oral apresentado pelos pesquisadores juniores foi sugerido pela pedagoga da instituição de ensino da qual fazem parte. A ideia surgiu porque, entre os componentes curriculares previstos para as turmas do quarto ano, um deles era justamente conhecer a própria região onde moram. Com isso, noções básicas de geografia física e econômica poderiam ser desenvolvidas. Desse modo, a proposta da pedagoga buscava integrar uma demanda curricular do 4º ano com uma demanda do programa PICJr, que era a de que os pesquisadores juniores pudessem ter a oportunidade de divulgar os resultados de suas pesquisas. Além disso, esse intercâmbio movimentaria a escola, no sentido de estimular mais estudantes a se interessarem pelo “mundo da pesquisa” e mais docentes a buscarem essa parceria junto à agência de fomento.

Primeiramente, filmamos as apresentações dos bolsistas juniores realizadas aos alunos do quarto ano. Em seguida, segmentamos o dado de acordo com o fenômeno posto aqui em voga (a autocategorização como especialistas). Após esta etapa, transcrevemos os registros selecionados, utilizando convenções amplamente adotadas pelos analistas da conversa (fig.1). Segundo Loder (2008, p. 129), representar os dados em meio escrito permite que se trabalhe de modo mais sistemático e, portanto, para transcrições de fala, utilizamos o modelo Jefferson (1984; 2004); para transcrições de ações multimodais, estamos apoiados na proposta de Mondada (2018).

Fig. 1 - Convenções de transcrição

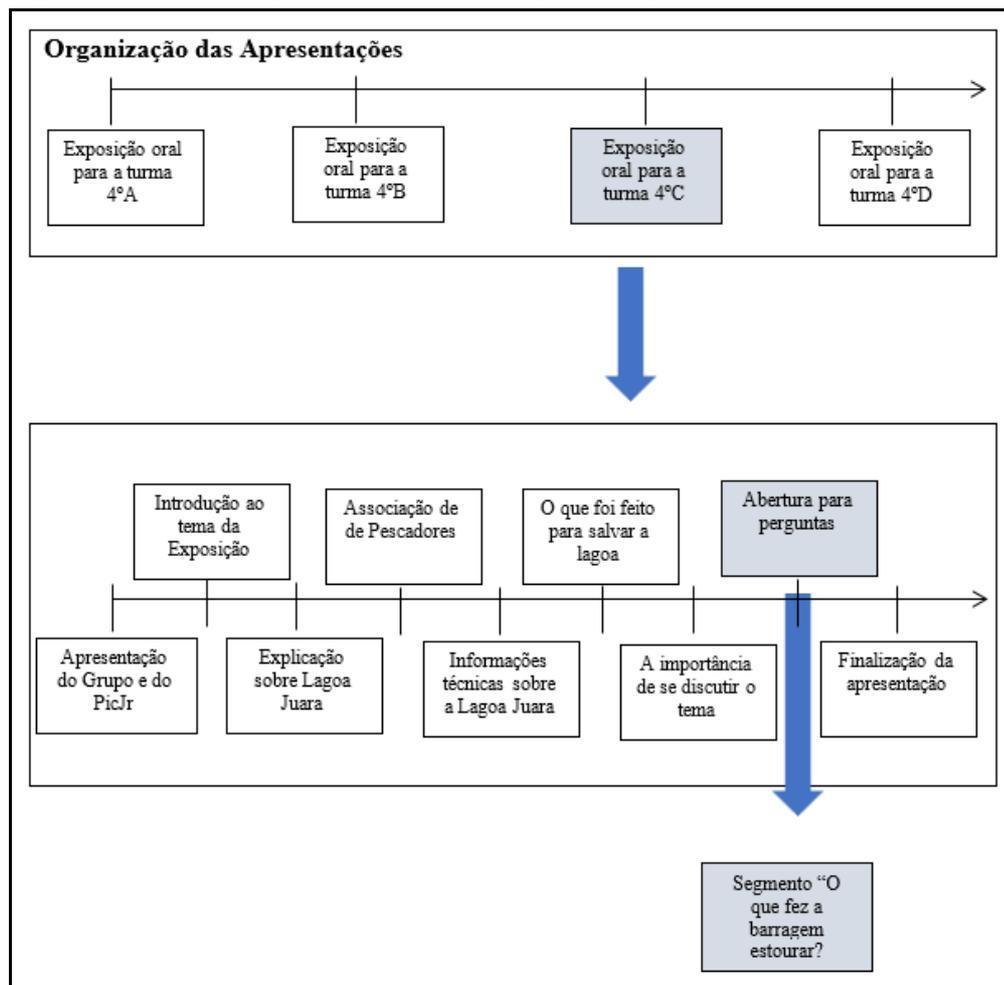
Símbolos	Referências
:	Alongamento do som
,	Entonação intermediária
.	Entonação descendente
?	Entonação ascendente
-	Interrupção na produção vocal
=	Indicação de elocuições contíguas
↓	Alteração de timbre para mais grave
[]	Indicação de fala sobreposta
°fala°	Elocução em volume mais baixo que os do entorno
faLA	Elocução em volume mais alto que os do entorno
<u>fala</u>	Ênfase em determinada elocução
>fala<	Elocução em ritmo acelerado
* *	Indicação do começo e do fim de uma ação corporificada
#	Indicação do ponto onde se fez a captura da imagem
fig	Indicação da imagem em ordem cronológica
M, C	Indicações de partes do corpo (M)ão, C(abeça)
nome	Indicação do participante que executa a ação corporificada
(0,6)	Indicação temporal de ausência de fala em segundos e décimos de segundos
(.)	Indicação temporal de ausência de fala menor que 2 décimos de segundo
xxxx	Elocução cuja autoria não pôde ser determinada

Fonte: Jefferson (1984; 2004) e Mondada (2018), adaptados pelos autores.

Levando em consideração todas as preocupações logísticas (dia, horário, como se daria o deslocamento dos estudantes do 4º ano da sala para a biblioteca, quanto seria o tempo de apresentação, distribuição dos subtemas da apresentação entre os expositores, entre outros), os juniores se prepararam para expor o que investigaram durante suas atividades de pesquisa sobre a Lagoa Juara. Abaixo preparamos uma esquematização em formato de linha do tempo (fig. 2) para facilitar o entendimento da sequência de atividades realizadas pelos alunos no dia da exposição oral e para demonstrar o contexto do nosso *corpus* de pesquisa.

Como já afirmamos, o percurso metodológico empreendido para o tratamento e análise do dado deste artigo teve como base os preceitos da Análise da Conversa, a qual permite que se verifiquem os índices exibidos pelos participantes de uma interação na produção de sentidos de suas ações baseadas nas práticas socioculturalmente compartilhadas. O propósito de empreender essa metodologia é evidenciar nas minúcias do comportamento face a face como se acomoda a organização social como um todo. De acordo com Goffman, “[...] sempre que surge a possibilidade física da interação falada, um sistema de práticas, convenções e regras de procedimentos entra em jogo, funcionando como um meio de orientar e organizar o fluxo de mensagens” (2011, p. 39).

Fig. 2 - Linha do tempo e estrutura das apresentações



Fonte: os autores

Isto posto, o presente trabalho se configura como um estudo de caso qualitativo de base tanto etnometodológica quanto goffmaniana, cujo objetivo é realçar os detalhes da vida cotidiana e buscar compreender as maneiras como os indivíduos gerenciam suas apresentações de si mesmos e de outros.

3.1 “O que fez a barragem estourar?”: a emergência da especialista

A seguir, apresentamos a transcrição¹¹ de excertos do segmento intitulado “O que fez a barragem estourar?”, exatamente porque foi essa a pergunta-chave que fez emergir a categoria de especialista neste contexto sequencial da interação. Os excertos são exibidos na medida em que avançamos com a descrição turno a turno. Como apontamos anteriormente (fig. 2), a interação a

¹¹ As convenções de transcrição encontram-se na fig. 1, anteriormente apresentada.

seguir está situada no momento em que os pesquisadores juniores finalizaram sua exposição oral sobre a Lagoa Juara aos alunos do 4º ano C. A sequência interacional tem início com a condução de Rogério¹² para a abertura do momento de perguntas dos espectadores da apresentação (ℓ. 01).

Excerto 1

01 ROG vo:cês
 02 (0,6)
 03 ROG é:: têm alguma pergunta pra fazer,
 04 (.)
 05 ROG sobre o que
 06 (.)
 07 ROG disseram agora?
 08 (2,9)*# (1,3) *
 vit *#ergue M*
 fig #fig. 3

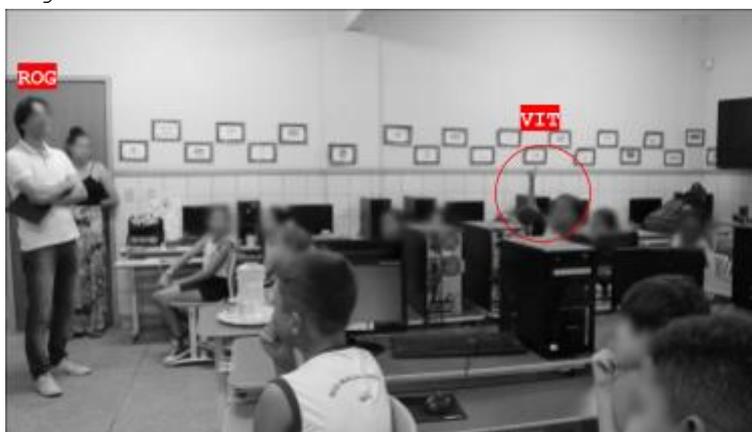


fig.3

Esse trecho apresenta uma ocorrência típica de um evento de exposição oral, uma vez que ela é dividida em algumas seções como apresentação do grupo, introdução ao tema, abertura para perguntas, entre outras (cf. fig. 2). No momento em foco, ocorre o encerramento da apresentação, e Rogério intervém para mediar as possíveis perguntas. Após essa intervenção, um dos participantes (VIT), durante o tempo de uma ausência de fala considerável (ℓ. 08), levanta uma das mãos para realizar seu questionamento, e Rogério então concede-lhe o turno (cf. ℓ. 09, a seguir):

Excerto 2 (continuação do excerto anterior)

09 ROG diga.
 10 VIT °o que fez a barragem estourar°?
 11 ROG o que que fez a barragem #*estouRAR?
 rog *inclina para frente

¹² Na transcrição, ROG é referente ao Rogério; VIT é referente ao Vitor e LAN é referente à Lana. Com a finalidade ética de preservar a identidade dos participantes e de todo e qualquer topônimo que os identifique, todos os nomes próprios indicados na pesquisa são pseudônimos.

fig

#fig. 4



fig. 4

12 (.)

13 ROG o que que fez #*a barragem estourar!

rog *inclina para trás

fig #fig. 5



fig. 5

14 (1,2)*

lan *um passo à frente#

fig #fig. 6



fig.6

15 LAN eles não construíram a barragem da forma ce:rta,

16 eles::>por exemplo< vocês conhecem os engenheiros

17 >não é mesmo<

18 XX SIM

19 LAN então. eles calculam uma medida certa pra poder fazer

20 uma construção. só que o- quando você faz uma

21 construção, você gasta muito dinheiro, e o governo pra
 22 não gastar muito dinheiro, eles construíram uma
 23 barragem com uma estrutura:: não muito forte,
 24 ↓entendeu? era uma barragem muito pequena não muito
 25 grande e era- ela era não- não muito forte pra que não
 26 gastasse muito dinheiro e por isso ela aca:bou
 27 quebrando fácil porque não era >resistente<.
 28 (.)
 29 LAN é como um dente quando você não esco- escova↓
 30 (1,0)

Nesse excerto, Rogério repete a pergunta feita pelo outro participante, em um pedido de confirmação da pergunta (um índice dessa ação é o fato de que a pergunta teria sido feita em um tom de voz mais baixo) e a repete mais uma vez, dessa vez direcionando ao grupo dos participantes que estariam em pé, de frente para os demais participantes, entre os quais se localizava o autor da pergunta. Essa orientação para direcionar a pergunta fica evidente quando Rogério redireciona o corpo. Em um primeiro momento, quando repete a pergunta de verificação e entendimento (“o que que fez a barragem estourar?”, l. 11), tendo o aumento de volume na sílaba final do turno (“estourar”) e sua finalização com entonação ascendente, marcada pelo sinal de interrogação, Rogério está direcionado ao participante que havia feito a pergunta.

Quando Rogério repete a pergunta (“o que que fez a barragem estourar↓”, l. 13), o desenho do turno já se apresenta de modo diferente, com uma finalização de turno diferente, inclusive com um timbre mais grave ao final (“estourar↓”), além da mudança de orientação do corpo na direção dos participantes que estavam em pé. Tanto esse “redesenho” do turno quanto o redirecionamento do corpo são índices de reconhecimento da categoria de especialistas em que se encontram os participantes localizados em pé à frente dos demais, pois além de marcar a autocategorização como mediador no evento instaurado por aqueles participantes ali presentes, marca também a categorização daquele outro grupo como sendo um conjunto de pessoas que se destaca pela “condição de responder” à pergunta formulada.

Após outra ausência de fala de duração significativa (l. 14), Lana negocia, por meio de troca de olhares com seu colega da esquerda, a tomada de turno e ela, então, se autosseleciona para responder à pergunta que tinha sido formulada (cf. l. 10). Dessa forma, é possível verificar, por meio das ações de Lana, como ela assume a categoria de especialista ao tomar o turno e demonstrar que possui domínio do assunto posto em questão.

Ela inicia seu turno com uma avaliação (“eles não construíram a barragem da forma certa”, l. 15) que emite um juízo de valor e isso então contribui para a compreensão mútua de que há ali uma especialista falando. Além disso, ela utiliza recursos que se configuram como

mecanismos de convite ao entendimento conjunto acerca do tópico abordado. Para isso, ela se autointerrompe e produz uma nova pergunta (“>por exemplo< vocês conhecem os engenheiros >não é mesmo<”, *ℓℓ.* 16-17) que vai propor um alinhamento de entendimento entre os participantes, pois a pergunta incita a necessidade de conhecimento prévio comum a todos para que a resposta à primeira pergunta (“o que que fez a barragem estourAR?”, *ℓ.* 11) possa ser respondida. Trata-se, portanto, de uma sequência inserida, que, ao obter uma resposta afirmativa (“SIM”, *ℓ.* 18), favorece a produção da resposta propriamente dita (cf. *ℓℓ.* 19-27). Essas inserções podem ser compreendidas como mecanismos de ajuste ao interlocutor (cf. Ostermann; Perobelli, 2019). Conforme também afirmam Sacks et al. ([1974] 2003, p. 51), o ajuste ao interlocutor é talvez o princípio que mais particulariza as interações conversacionais. Esse ajuste é caracterizado pelos aspectos na fala de uma das partes em uma conversa que demonstram uma orientação e sensibilidade aos demais coparticipantes.

Além disso, em toda a explicação de Lana, durante a qual é possível perceber a utilização de expressões que indiciam a busca por afiliação em relação ao que se está dizendo (“>não é mesmo<”, *ℓ.* 17 e “↓entendeu?”, *ℓ.* 24). Ainda a esse respeito, mais uma vez, é possível perceber como se dá o ajuste ao interlocutor quando ela finaliza sua participação com a inserção de uma comparação (“é como um dente quando você não esco- escova↓”, *ℓ.* 29). É importante ressaltar que durante todo o turno de Lana, os demais participantes permaneceram atentos e em silêncio, acompanhando a fala dela. Isso, de algum modo, também reforça a interpretação de que a Lana é dada a devida credibilidade sobre o domínio do assunto nessa situação interacional. Por fim, o aluno demonstra que compreendeu o que foi dito e, ao responder afirmativamente com a cabeça (cf. *ℓ.* 34, a seguir), ressalta que sua dúvida foi sanada.

Excerto 3 (continuação do excerto anterior)

31 ROG entendeu?
 32 (0,4)
 33 ROG entendeu
 34 *#(0,6)
 vit *meneia C afirmativamente
 fig #fig. 7



fig. 7

35 ROG vocês viram como eles-
 36 (0,6)
 37 ROG vocês viram como eles sabem muita coisa a respeito
 38 da lagoa,=
 39 XXX =SIM.
 40 (0,6)
 41 ROG >como que será< que eles descobriram isso hein?
 42 XXX [estudando]
 43 XXX [pesquisando]
 44 ROG pesquisan:::do
 45 (.)
 46 ROG mui::to bem::

Por fim, Rogério retoma o turno e busca ratificar, com as respostas das crianças (cf. ll. 39, 42 e 43), a categorização dos pesquisadores juniores como especialistas. Dessa forma, há uma revalidação do par relacional das categorias atribuídas (estudantes e/ou especialistas), tanto a priori, quanto por demonstrações locais, via ações mútuas de orientação interacional. É necessário destacar que, em nenhum momento, isto é explicitamente afirmado, mas são as sequências de ações, nas quais ambas as partes compreendem a relação que ali estão sendo construídas, que nos permitem afirmar que as categorias são reafirmadas e reconhecidas.

A partir dessa análise, portanto, podemos estabelecer uma relação entre as descrições detalhadas nesta seção com a proposta goffmaniana acerca da apresentação do *self*, sobretudo a respeito da participante que tomou para si a condição de especialista diante de uma audiência ratificada interacionalmente. Como afirmamos anteriormente e tentaremos discorrer com mais vagar na seção a seguir, a teoria da apresentação do self parece convergir com a maneira com que a categorização de pertencimento se presentifica no aqui e agora da interação em voga neste artigo.

4. Discussão: a perspectiva dramatúrgica e o gerenciamento de impressões

A *apresentação do eu na vida cotidiana* parte de uma perspectiva dramatúrgica, em que Goffman ([1959] 2009) concebe a vida social como um verdadeiro teatro e os sujeitos como verdadeiros atores interpretando papéis na vida cotidiana. O simples fato de um grupo de estudantes de uma escola se colocar de pé em frente a um outro grupo de estudantes dessa mesma escola em uma sala de aula já é algum indício suficiente para compor um cenário em que, dada essa distinção de localização no espaço, papéis diferentes serão destacados ali. Contudo, nesses papéis e no modo como as identidades são compreendidas e comprometidas, não está garantida a relação epistêmica dos participantes, porque, para além da localização no espaço, é preciso estabelecer também uma dinâmica de participação nas situações. De acordo com a perspectiva dramatúrgica de Goffman ([1959] 2009), os participantes sempre estão de modo mais ou menos consciente interpretando um papel e são nesses papéis que conhecemos uns aos outros e a nós mesmos. Conforme essa perspectiva, em determinados momentos, o indivíduo é um ator, “um atormentado fabricante de impressões envolvido na tarefa demasiado humana de encarar uma representação”; e em outros é personagem, “como figura, tipicamente uma figura admirável, cujo espírito, força e outras excelentes qualidades a representação tinha por finalidade evocar” (Goffman, [1959] 2009, p. 229).

Quando salientamos que na sequência interacional analisada anteriormente ocorre a emergência da especialista, estamos nos referindo ao fator contingente que se instaura a partir da pergunta de um dos participantes que se colocou como audiência. Embora o espaço para perguntas esteja garantido e previsto, a pergunta em si não poderia ser prevista, e é nesse ponto que se revela o fator surpresa. É a partir desse momento que se define o *self* de quem vai responder. O conceito de “si próprio” sinteticamente expressado no termo *self* “parecia ser, até a pesquisa de Goffman, um núcleo resistente, uma substância mineral quase indestrutível à análise” (Andacht, 2004, p. 137). Na teoria sociológica de Chicago e em Goffman ([1959] 2009) o *self* é um conceito central (Gastaldo, 2008), na medida em que é compreendido como a instância que está no centro dos processos de elaboração da imagem e que é produto da inter-relação entre sujeitos. Lana, a participante que se autosseleciona para responder à pergunta, assume duas consequências possíveis: uma em que a tentativa de se autocategorizar como especialista poderia fracassar ou uma em que ela de fato se assume como entendedora do assunto sobre o qual se perguntou e consegue, então, exibir sua postura e tê-la ratificada pelos demais. Os dados nos mostram que

prevaleceu a segunda consequência. Nos termos de Becker (2008, p. 292), o *self* emerge das “relações face a face nas quais se constrói o significado complexo que os sujeitos passam a assumir na sociedade”. Se *self*, portanto, corresponde a um sentido de si produzido nas experiências da vida social (Goffman, [1959] 2009), a atuação de Lana como especialista na análise dos dados ratifica essa avaliação.

Com foco na interação, Goffman busca compreender o que está acontecendo no *aqui* e no *agora* da interação nas relações face a face levando em conta “a definição de situação e a imagem que [os atores] pretendem obter da troca interacional, estabelecendo um plano de ação, sustentado pelos significados sociais consagrados que associam indicialmente certos sinais a interpretações já estabilizadas” (Biar, 2015, p. 116). A partir das sequências interacionais analisadas, isso fica evidente quando os participantes se comportam demonstrando que dominam o cenário sobre o que está acontecendo ali, mas também estão suscetíveis aos inúmeros imprevistos que ali podem surgir. Isso porque, segundo a autora, as atividades em copresença são atividades indiciais marcadas por um caráter promissório, isto é, “as inferências originadas dos índices são sempre expectativas, de modo que a identidade coconstruída na interação seja sempre uma impressão; uma aparência” (Biar, 2015, p. 116).

Eis daí o porquê da eleição do domínio dramatúrgico e a analogia estabelecida: no nosso exemplo, o palco corresponde à situação de uma exposição oral em sala de aula; os atores, aos bolsistas de iniciação científica júnior e o(s) interlocutor(es), à plateia por quem se busca cooperação em termos do funcionamento de uma organização social. É nesse sentido que Harvey Sacks (1972), baseado em Goffman, salienta que “o trabalho inferencial envolvido em tais apresentações e monitoramentos compreende métodos culturais para a categorização das pessoas, que são constituintes da produção de uma ordem social” (Watson, 2004, p. 88).

Nesse sentido, os participantes desta pesquisa, mesmo assumindo uma condição geral de estudantes, especificamente permitem que outras categorias lhes sejam atribuídas. De acordo com Goffman (2008, p. 11), “a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”. A ação de categorizar consiste em uma atividade na qual os falantes negociam comportamentos normativos em orientação mútua, de tal modo que não se trata de uma “etiquetagem”, mas de uma atividade performático-interacional em contexto.

Com efeito, o que Goffman faz é configurar as primeiras categorizações ‘ator(es) e ‘público’ como um metaesquema ou mecanismo-mestre de transcodificação, um conjunto de instruções para ler as outras categorias como sendo relevantes ou

plausivelmente introduzidas [...] Por exemplo, a ordem de sua lista predispõe o leitor rumo a uma atividade de ‘mapeamento de categorias’, por exemplo, mapeando o par relacional ‘ator/público’ para as categorias subsequentes e suas contrapartidas de pares, fornecidos ou projetados, de modo que podemos encontrar um padrão homólogo no conjunto (Watson, 2004, p. 90-91).

Nos estudos da linguagem, a noção de *face* é classicamente explorada pela Pragmática, especialmente pela denominada Teoria da Polidez. Entretanto, nesse campo, o “percurso teórico goffmaniano sobre as estratégias de normalização do *self* demandadas pela violação de expectativas interacionais fundadas na diferença, e a moldura sociológica dentro da qual a categoria foi inicialmente formulada” (Biar, 2015, p. 119) não são recuperados, direcionando, assim, a apreensão de *face* e de *self* num sentido de estratégia de mitigação dos graus de agressividade de um ato de fala.

Por outro lado, como as ações desempenhadas pelos participantes da cena analisada são diferentes conforme as categorias são assumidas, a abordagem interacional da apresentação de si em termos de *atividades* e de princípios de organização e definição da situação se ocupa do dinamismo dessa apresentação do *self*, ou seja, “a identificação das estratégias de manutenção e proteção de *face* (*face work*) e as técnicas de controle da informação que emergem do encontro” (Biar, 2015, p. 119). Esse trabalho de *face* corresponde às “ações tomadas por uma pessoa para tornar o que quer que esteja fazendo consistente com a *face*. A preservação da *face* [face-work] serve para neutralizar ‘incidentes’ – quer dizer, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a fachada” (Goffman, [1967] 2012, p. 20).

Sendo assim, neste caso, a despeito de uma preparação prévia de um grupo de participantes, a categoria de especialista não está posta. Ela precisa emergir durante a interação para que, de fato, essa condição possa ser exibida por quem se pretende especialista e reconhecida por quem analisa a performance de quem se apresenta como tal. Por essa razão, se para Goffman “uma determinada *face* tende a se tornar institucionalizada em termos das expectativas estereotipadas abstratas às quais dá lugar e tende a receber um sentido de estabilidade à parte das tarefas específicas que no momento são realizadas em seu nome” (Goffman ([1959] 2009, p. 34), isso significa dizer que os atores incorporam valores sociais e oferecem uma impressão idealizada, desconsiderando as incompatibilidades da escolha de uma *face* adequada entre várias, a fim de que seja mantida a coerência expressiva da *face*, como será possível observar na seção a seguir.

5. Considerações finais: com quantas categorizações e performances sociais se faz uma especialista?

Sabemos que, ao papel de especialista cabe apresentar um conteúdo de forma nítida, precisa e informativa, levando também em conta os sinais enviados pela audiência para, se for o caso, reformular o que se apresenta. Também é preciso estar preparado para responder a questionamentos diversos que podem eventualmente surgir (cf. Dolz et al., 2004).

Tendo em vista o que foi analisado, consideramos que a assunção da categoria de “especialista”, em um evento de exposição oral, se dá a partir de uma série de ações coordenadas: desde a autosseleção para tomar o turno até a demonstrada firmeza para apresentar a devida resposta à pergunta e, com isso, explicar detalhes sobre o tema apresentado, passando pelos recursos de ajuste ao interlocutor. Desse modo, as “con-sequências” ressaltam como tal categoria passa a ser ratificada interacionalmente. Além disso, reunidos esses fatores interacionais, ficam demonstradas a preocupação e a sensibilidade necessárias a permitir que houvesse intersubjetividade na interação.

A partir dessas afirmações, recuperamos o mote para a escrita deste artigo: o legado de Goffman aos estudos interacionais. Sua teoria sobre a apresentação social do eu na vida cotidiana e sobre a importância de se considerar a situação social como um todo em análises interacionais, por exemplo, nos permitiu, à luz dessas e de outras proposições teórico-metodológicas, perceber que a categorização de especialista não é, portanto, conferida somente pelo fato de uma pessoa se colocar em pé diante de um grupo de outras pessoas sentadas. Ao contrário, com essas considerações em mente, podemos avaliar a categorização de membros da sociedade como resultado de uma construção conjunta, reforçada, no caso do evento que analisamos aqui, pelos procedimentos adotados, tanto pela expositora (já elencados anteriormente), quanto pelos seus espectadores, que, em momentos específicos, ratificam essa relação, seja de forma verbalizada, com produção de perguntas, ou corporificada, como, por exemplo, com acenos de cabeça durante a resposta.

Para além disso, precisamos acrescentar que este tipo de atividade, através da qual estudantes são instados a assumirem uma postura de especialistas, é uma oportunidade enriquecedora tanto para os integrantes do PICJr quanto para os demais estudantes da escola, uma vez que permite o contato profundo com a dinâmica da pesquisa no ambiente escolar. Com efeito, os pesquisadores juniores desenvolvem muito mais do que um exercício etnográfico: eles aprendem a sistematizar o conhecimento outrora construído em conjunto com outros membros.

Durante os três anos de projeto, atestamos o crescimento destes bolsistas enquanto pesquisadores, de modo que, ao final desta empreitada, podemos afirmar que eles comprovaram por suas ações, socialmente contextualizadas, a capacidade para se autocategorizar tanto como estudantes e também como pesquisadores, o que, por conseguinte, lhes confere também a categoria de especialistas.

O projeto se encerra com um saldo bastante positivo, tendo em vista que gerou uma quantidade considerável de dados que ainda poderão possibilitar uma série de iniciativas de estudo, tanto no âmbito da AC quanto em outras frentes da Linguística Aplicada. Entretanto, o verdadeiro mérito está em promover um contato mais aproximado de estudantes do ensino fundamental com o universo acadêmico de pesquisa, proporcionando um outro olhar sobre a realidade que os cerca e uma vivência mais aprofundada sobre o município do qual fazem parte. Suas experiências, portanto, foram construídas com uma estrutura muito forte e, diferentemente de um “dente quando você não escova”, vão possibilitar que a condição de especialistas emerga cada vez mais no futuro.

Referências

- ANDACHT, F. A representação do *self* na obra de Goffman: sociosemiótica da identidade. In: GASTALDO, É. Erving Goffman: desbravador do cotidiano. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004. p. 125-146.
- BARBOSA, R. S. P. Inter(faces): uma releitura retórico-problematológica da relação entre ethos e face em um discurso político. In: CUNHA, G. X.; OLIVEIRA, A. L. A. M. (Org.). Múltiplas perspectivas do trabalho de face nos estudos da linguagem. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2018.
- BECKER, H. Outsiders: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BIAR, L. Desvio e estigma: caminhos para uma análise discursiva. Calidoscópio. v. 13, n. 1, p. 113-121, jan/abr 2015.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; DE BRITO, J.F.; ZAHND, G. A exposição oral. In: DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- GARCEZ, P. M.; BULLA, G. S.; LODER, L. L. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. Delta, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 258-288, jul. 2014.
- GARFINKEL, H. Estudos em etnometodologia. Petrópolis: Vozes, 2018.
- GARFINKEL, H. Studies in ethnomethodology. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1967.
- GASTALDO, É. Goffman e as relações de poder na vida cotidiana. Revista brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 23, n. 68, p. 149-153, out. 2008.
- GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 2009 [1959].

- _____. A situação negligenciada. In: Sociolinguística Interacional, por Pedro Moraes Garcez e Branca Telles Ribeiro. São Paulo: Edições Loyola, [1964] 2002.
- _____. Comportamentos em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajustamentos. Petrópolis: Vozes, [1963] 2010.
- _____. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC. 2008.
- _____. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. In: JAWORSKI, A.; COUPLAND, N. The discourse reader. London: Routledge, 1999. p. 306-320.
- _____. Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012 [1967].
- JEFFERSON, G. Transcription notation. In: ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. (Eds.). Structures of social action. New York: Cambridge University Press, 1984, pp. ix-xvi.
- _____. Glossary of transcript symbols with an introduction. In: LERNER, G. H. (ed). Conversation Analysis. Studies from the first generation. Amsterdam: John Benjamins, pp. 13-31, 2004.
- LODER, L. L.; SALIMEN, P. MÜLLER, M. Noções fundamentais: sequencialidade, adjacência e preferência. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Org.) Fala-em-interação social: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p. 95-126.
- MAYNARD, D. W. 2003. Bad News, Good News: Conversational Order in Everyday Talk and Clinical Settings. Chicago, University of Chicago Press.
- _____.; MARLAIRE, C. L. Good reasons for bad testing performance: The interactional substrate of educational exams. Calidoscópico. v. 14, n. 2, p. 332-349, 2016. doi: 10.4013/cld.2016.142.15.
- MENDONÇA, R. F.; SIMÕES, P. G. Enquadramento: Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. Revista Brasileira de Ciências Sociais. v. 27 n. 79. 2012.
- MOITA LOPES, L.P. (Org). Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial. 2006.
- MONDADA, L. Multiple Temporalities of Language and Body in Interaction: Challenges for Transcribing Multimodality. In: Research on Language and Social Interaction, v. 51, n. 1, p. 85-106, 2018. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/08351813.2018.1413878>>. Acesso em: 29 mar. 2021.
- OSTERMANN, A. C. Análise da Conversa: o estudo da fala-em-interação. In: _____.; MENEGUEL, S. N. Humanização. Gênero. Poder: contribuições dos estudos de fala-em-interação para a atenção à saúde. Campinas: Mercado de Letras; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012, pp. 33-43.
- _____.; PEROBELLI, R. Novos Estudos do Letramento e Análise da Conversa: o ajuste ao interlocutor em práticas de letramento em saúde. Revista da Anpoll, v. 1, n. 49, 2019, pp. 142-157.
- PEROBELLI, R. 'Quase não é lá': uma análise da formulação de lugar pela via da categorização de pertença no episódio de conflito instaurado entre Pitty e Anitta no Altas Horas. (Con)textos Linguísticos, v. 9, p. 238-254, 2015.
- RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P. (orgs.). Sociolinguística Interacional. São Paulo, Loyola, 2002.
- RICHARD-ZAPPELLA, J. A pulsão comunicativa: jogos e desafios no questionamento entre entrevistador-entrevistado. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; FAITA, D. (Orgs.) Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002. p. 223-235.

SACKS, H. Notes on police assessment of moral character. In: SUDNOW, D. (Org). *Studies in social interaction*. New York and London: Free Press, 1972.

SACKS, H. The MIR membership categorization device. In: JEFFERSON, G. (Ed.) *Lectures on conversation*. Oxford: Blackwell, v. 1, p. 40-49, 1992.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 2003 [1974].

SELL, M.; OSTERMANN, A. C. Análise de categorias de pertença (ACP) em estudos de linguagem e gênero: a (des)construção discursiva do homogêneo masculino. *Alfa*, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 11-34, 2009.

SILVA, C. R.; ANDRADE, D. N. P.; OSTERMANN, A. C. Análise da Conversa: uma breve introdução. *ReVEL*, v. 7, n. 13, 2009.

THOMAS, W. I. *The Definition of the Situation In: The Unadjusted Girl*. New York: Little, Brown & Co, 1923.

VELHO, G. Becker, Goffman e antropologia no Brasil. In: GASTALDO, É. *Erving Goffman: desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

WATSON, R. Lendo Goffman em interação. In: GASTALDO, E. *Erving Goffman: desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.
